

A construção midiática da gafe: uma abordagem discursiva¹

Media construction of gaffe: a discursive approach

COSTA,
JÚLIA LOURENÇO
julialourenco@usp.br

BARONAS,
ROBERTO LEISER
baronas@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE:
sobreesseveração;
gaffe;
cenas da enunciação;
mídia.

KEY-WORDS:
asseveration;
gaffe;
enunciation scenes;
media.

FAPESP - UFSCar/ Univ.Paris13

FAPESP - UFSCar

RESUMO: Neste trabalho nos propomos a analisar discursivamente o funcionamento enunciativo da sobreesseveração (Maingueneau, 2010) do enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, destacado pela mídia brasileira do pronunciamento do presidente Michel Temer no Dia Internacional da Mulher em 2017. A mídia não só efetua a sobreesseveração deste enunciado, como também o classifica enquanto gaffe (Le Bart, 2003) em seus títulos e manchetes principais. A partir das análises empreendidas é possível verificar que a polêmica (Amossy, 2017) gerada por tal posicionamento acerca do papel da mulher na sociedade brasileira é minimizada quanto esta é cenografada (Maingueneau, 2009) enquanto gaffe.

ABSTRACT: In this work we propose to discursively analyze the asseveration (Maingueneau, 2010) of the statement *I have conviction of what women do for the house*, highlighted by the Brazilian media of the pronouncement of President Michel Temer on International Women's Day in 2017. The media not only overcomes this statement, as well as classifies it as gaffe (Le Bart, 2003) in its titles and headlines. Based on the analyzes undertaken, it is possible to verify that the controversy (Amossy, 2017) generated by such positioning about the role of women in Brazilian society is minimized as it is scenographed (Maingueneau, 2009) as a gaffe.

1. Uma versão modificada deste artigo foi publicada como capítulo de livro *In* Ida Lucia Machado; Glaucia Muniz Proença Lara; Wander Emediato (Orgs.). *Análise do Discurso: situações de argumentação*. 1ed. Coimbra - Portugal: Grácio Editor, 2018, v. 01, pp. 181-197.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

A compreensão de que o homem se apropria da língua, “não só para veicular mensagens, mas principalmente, com o objetivo de atuar socialmente” (Koch, 2000: 21), incidindo argumentativamente sobre o outro, se torna fundamental na atualidade. Nesse sentido, o enunciado deve ser então encarado como produto de um sujeito sócio-historicamente constituído, que erige sua argumentação inoculado na ideologia, que define sua inscrição em determinada comunidade discursiva. A argumentatividade funciona, portanto, como atividade estruturante de todo discurso, na medida em que orienta os enunciados tanto internamente (coesão e coerência, por exemplo); quanto em relação à sua inscrição em determinada formação ideológica e, por conseguinte em uma formação discursiva. De acordo com Orlandi (1998: 75) “a argumentação é vista pelo analista de discurso a partir do processo histórico-discursivo em que as posições dos sujeitos são constituídas”. Dessa maneira, o sujeito se posiciona discursivamente e seus argumentos são determinados historicamente.

Consideraremos, neste texto, um exemplo de discursividade em torno da figura da mulher e dos papéis que ela desempenha socialmente. Com base na análise de um enunciado sobreasseverado pela mídia brasileira, é possível entrever tanto a posição do sujeito enunciador quanto da própria mídia no jogo da argumentação, observado enquanto negociação discursiva do sujeito em sua relação simbólica com a história.

Partindo do pressuposto de que a argumentação determina o domínio da organização do dizer e afeta sua ordem, analisaremos o enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa* com base no funcionamento discursivo do conceito de sobreasseveração (Maingueneau, 2010), compreendendo que esse processo de destacamento orienta argumentativamente o discurso na mesma medida em que o inscreve em determinada posição enunciativa e ideológica.

2. A SOBRESASSEVERAÇÃO DO ENUNCIADO *TENHO CONVICÇÃO DO QUE A MULHER FAZ PELA CASA*

Na esteira de Maingueneau (2009), partindo da constatação de que nos meios de comunicação circulam uma variedade de pequenos enunciados (pequenas frases, títulos, manchetes, citações, chamadas, *hashtags*, etc.) pretendemos neste texto refletir acerca do funcionamento discursivo do enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, que circulou no ciberespaço e ocupou lugar de destaque em variadas reportagens que abordaram, à época, o pronunciamento do Presidente Michel Temer no Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2017.

Na ocasião, o presidente cometeu o que os próprios veículos midiáticos designaram como gaffe. Nosso objetivo neste texto é refletir tanto sobre a constituição linguístico-discursiva deste enunciado, partindo dos pressupostos de Maingueneau sobre as frases sem texto (Maingueneau, 2014), quanto analisar o texto do presidente Temer à luz da dimensão polêmica por ele gerada, a fim de compreendê-lo discursivamente. enquanto mobilizador do conceito de gaffe.

De acordo com Maingueneau (2010: 10) os enunciados podem ser destacados conforme duas lógicas enunciativas diferentes: a aforização e a sobreasseveração. De um lado, a aforização funciona de acordo com duas classes, conforme seu destacamento: (a) constitutivo, aqueles que por natureza não possuem um contexto situacional (provérbios e fórmulas, por exemplo) e (b) destacamento por extração de um fragmento de texto: lógica da citação.

Ainda segundo o autor, “essa extração não acontece de maneira indiferenciada sobre um texto: certos fragmentos são apresentados na enunciação como *destacáveis*” (Maingueneau, 2010: 11), o que implica afirmar que há algo na estrutura composicional do texto que faz com que determinado fragmento produza uma “sensação de a destacabilidade” (Maingueneau, 2014: 14) de maneira mais incisiva que outros.

Conforme Maingueneau (2011: 15), o que o autor chama de “‘aforização’ não deve ser confundido com ‘sobrasseveração’. De outro lado, “a sobrasseveração não é uma citação, mas uma modulação da enunciação que formata um fragmento de texto como destacável, como candidato à ‘destextualização’”. A sobrasseveração é, portanto, um realçamento que pode se realizar com a ajuda de marcadores diversos.

Dessa maneira, salientamos que a principal diferença entre a aforização e a sobrasseveração repousa no fato de que a primeira não tem necessidade de ser sustentada por um texto, uma vez que ela confere ao enunciado aforizado “um estatuto pragmático específico desprovido de contexto” (Maingueneau, 2011: 16); enquanto a segunda “põe em evidência uma sequência sobre um fundo textual (ibid).

O enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, nosso objeto de análise, foi destacado do pronunciamento do presidente do Brasil no Dia Internacional da Mulher em 2017 e estampou as manchetes de variados jornais e revistas no ciberespaço, isto é, “no espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores” (Lévy, 2010: 94). O referido enunciado foi extraído do seguinte trecho da fala de Michel Temer:

[...] E eu vejo como é importante, ou como são importantes, essas solenidades, que não basta marcar no calendário o Dia da Mulher, é preciso comemorá-lo. E comemorá-lo significa recordar a **luta permanente da mulher por uma posição adequada na sociedade.**

Eu não preciso, depois do discurso emocionado da Luislinda, de todos enfim, dizer da importância da mulher e da luta permanente que a mulher vem fazendo ao longo do tempo no Brasil e no mundo. Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, **ela deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades.**

Eu digo isso com a maior tranquilidade, porque **eu tenho absoluta convicção**, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, **o quanto a mulher faz pela casa**, o

2. Para acesso ao texto completo:
<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discorso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>.

quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos. E, portanto, se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher² [...] (grifos nossos).

Segundo a lógica enunciativa, o fragmento foi sobreasseverado no pronunciamento do presidente e se apresentou como destacável, uma vez que Michel Temer finaliza o parágrafo anterior com a seguinte afirmação: a mulher *deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades*, criando um efeito de sentido, pela lógica da progressão textual, de que esse tema será tratado com mais especificidade no parágrafo seguinte, no qual o enunciado destacado está localizado. Antes disso, ainda, o locutor sublinha que no Dia da Mulher deve ser recordada a *luta permanente da mulher por uma posição adequada na sociedade*.

De acordo com Koch (2002), a progressão textual é determinada pela relação estabelecida entre os elementos do texto a fim de que eles possam conferir continuidade de sentidos no ato de tecer os fios do discurso. Segundo a autora, a progressão textual

diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmas sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir (Koch, 2002: 121).

Nosso objeto de análise, o enunciado destacado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, teve seu grau de destacabilidade elevado devido o contexto anterior da progressão do texto. Anteriormente a ele, o presidente sublinha a necessidade de rememorar a luta das mulheres por uma posição de igualdade e, em seguida, enuncia o trecho destacado enaltecendo os papéis desempenhados - segundo sua perspectiva - pela mulher no contexto social brasileiro.

Ainda, de acordo com Maingueneau o realçamento, que pode provocar a sobreasseveração de determinado enunciado, ocorre “com a ajuda de diversos marcadores, que são acumuláveis

(Maingueneau, 2011: 16). No enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa* observamos, especificamente, dois marcadores, um aspectual e outro sintático.

Quando Michel Temer enuncia *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, ele procura, a partir do marcador de ordem aspectual, generalizar o *ser mulher* na sociedade brasileira, estabelecendo sua importância a partir de capacidade de gerenciamento doméstico. Além disso, por meio da construção sintática, o então presidente assinala ser esse seu argumento mais forte. Observemos os enunciados a seguir:

(1) Que aqui e fora do Brasil, em outras partes do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma figura de segundo grau, quando na verdade, **ela deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades.**

(2) Eu digo isso com a maior tranquilidade, porque **eu tenho absoluta convicção**, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, **o quanto a mulher faz pela casa**, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos.

Em (1), o enunciador, Michel Temer, começa a expor o argumento principal de seu pronunciamento, qual seja, o de que “a mulher deve ocupar o primeiro grau em todas as sociedades” e, logo em seguida, em (2) afirma ter convicção desta tese que ele defende, com base no “quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos”. Pela construção sintática, o enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa* torna-se o argumento mais forte dentro do pronunciamento do presidente, para que ele afinal, defenda a tese principal acerca do lugar - de pretensão destaque - que a mulher ocupa na sociedade.

Efetando um processo de destacamento, o ator midiático sublinha, isto é, distingue um fragmento como notável a partir do texto-fonte e, de algum modo, o formata de maneira que possa ser retomado em variados momentos, enfatizando seu caráter sentencial e sintetizador em relação a determinado tema. Segundo Maingueneau (2014: 15), “esta sequência é relativa-

mente breve, portanto memorizável, e constitui uma tomada de posição do enunciador sobre uma questão polêmica”.

A espera gerada pelo enunciador ao finalizar o parágrafo anterior abordando o tema da importância da mulher na sociedade provoca grande expectativa por parte dos coenunciadores, pois se trata de uma temática contemporânea e polêmica, a qual raras vezes é abordada nos pronunciamentos do Governo brasileiro, qual seja, a temática relacionada ao papel social da mulher no cenário contemporâneo internacional.

A reiteração do enunciado destacado reside, portanto, em sua dimensão polêmica, isto é, “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017: 49).

A tensão instituída entre os parágrafos é fator que contribui para o destaque, bem como a quebra disfórica da expectativa, uma vez que o presidente retoma o discurso do patriarcado, reafirmando “uma formação social em que os homens detêm o poder” (Hirata *et al*, 2009: 173) no lugar de reforçar o discurso da igualdade que prega “o pleno reconhecimento político e social das mulheres” (ibidem: 118).

No âmbito do discurso político, de acordo com Le Bart (2003), o campo político se vale de *illusios* (Bourdieu, 1994) como fundamento de sua existência, parte das estratégias persuasivas e dos tipos de bens simbólicos que produzem. A *illusio* “é o consenso (muitas vezes invisível do interior) que torna os jogos internos ao campo não somente possíveis, mas mesmo parcialmente previsíveis³” (Bourdieu, 1994: 151).

Ainda segundo o autor, os discursos são determinados positiva ou negativamente de acordo com as crenças partilhadas entre os coenunciadores pressupostos. Positivamente caso essas crenças sejam reafirmadas; negativamente quando o inesperado, do ponto de vista ideológico, é enunciado.

3. Tradução nossa do trecho original em francês: *l'illusio c'est se consensus (souvent invisible de l'intérieur) qui rend les jeux internes au champ non seulement possible mais même partiellement prévisibles* (Bourdieu, 1994: 151).

No pronunciamento do presidente, o sujeito que enuncia procura se inserir no cenário internacional de discussões atuais acirradas em torno da igualdade de gêneros nas esferas social, política e econômica. Para tanto, afirma, num primeiro momento, a importância da mulher na sociedade, mas comete então aquilo que foi chamado, pela própria mídia, de gafe.

É importante ressaltar neste momento do texto, a importância em se pensar a estreita relação estabelecida contemporaneamente entre o campo político e o campo midiático. Esta relação imbricada define o que pode/deve circular: o discurso político se constitui como discurso de poder e obedece a uma lógica que se vale dos efeitos de verdade; enquanto a mídia manobra o discurso político a fim de manter e fazer circular o material por ela produzido.

O fato de a própria mídia sobreasseverar o enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa* e ao mesmo tempo classificá-lo, em suas manchetes, como gafe, revela o processo de imbricamento entre o campo político e o midiático. Sendo este o produtor dos enunciados sobreasseverados que circulam, por exemplo, no ciberespaço, constituindo a postura de determinado ator político sobre certo tema.

Segundo Maingueneau (2014: 16), “os profissionais de comunicação contemporânea passam seu tempo recortando fragmentos de textos para convertê-los em ganchos”, fato que corrobora com a falta de delimitação do objeto discurso político, que contemporaneamente se mescla com outros campos discursivos: o discurso acerca da vida privada e o próprio discurso midiático, por exemplo (Le Bart, 2003).

A gafe é concretizada quando o presidente reafirma os pré-construídos acerca do papel desempenhado historicamente pela mulher e dos espaços por ela ocupados; ao invés de abordar a temática conforme as reivindicações atuais da sociedade em relação aos direitos das mulheres e da igualdade de gênero, aspecto inicialmente enunciado, mas deslocado argumentativamente para corroborar um imaginário de subalternidade da mulher. Temer é sancionado negativamente por sua fala ser considerada sexista e obsoleta perante a sociedade. Há então a sobreas-

severação do trecho considerado mais simbólico e a classificação, pela própria mídia, deste texto destacado como gafe.

O presidente, no seu pronunciamento, afirma *ter absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, o quanto a mulher faz pela casa, o quanto ela faz pelo lar, o que faz pelos filhos*. Além disso reitera que se a sociedade vai bem é porque os filhos estão tendo uma *adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher*.

Mais à frente Temer enuncia que as mulheres têm grande participação em todos os debates, até na economia, pois *ninguém é capaz de indicar desajustes, por exemplo, nos preços em supermercados do que a mulher*, além disso as flutuações econômicas são detectadas pelas mulheres pelo orçamento doméstico por elas gerenciado.

O presidente reitera pré-construídos, como discursos anteriores, e “já-ditos” mobilizados no interdiscurso (Maingueneau; Charaudeau, 2008: 401) que concretizam a dimensão simbólica da dominação masculina, isto é, “a primazia universalmente concedida aos homens que se afirma na objetividade das estruturas sociais e de atividades produtivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho” (Bourdieu, 2014: 45).

A tensão estabelecida no embate ideológico entre os dois enunciados é fator que corrobora para a ascensão e destaque daquele que se refere ao papel da mulher desempenhado nas tarefas domésticas, uma vez que ele concretiza o discurso historicamente marcado na sociedade no que tange questões relacionadas ao feminino, isto é, a subjugação que o gênero sofre em todas as esferas e a imposição de certas atividades e comportamentos a serem desempenhados pela mulher.

Tal tensão desencadeia, como já enunciamos, um processo de sobreasseveração (Maingueneau, 2010: 11) abrindo

a possibilidade de uma saída do texto, de uma ‘destextualização’. No caso da sobreasseveração, uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização, não é possível falar de ‘citação’: trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é operado em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos.

O autor prossegue afirmando que se compararmos o enunciado destacado e seu correspondente no texto de origem, “na maior parte das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando é destacado” (Maingueneau, 2010: 11). Ainda de acordo com o autor, essa alteração pode ser menos ou mais importante. No enunciado por nós eleito para análise, tal diferença pode ser considerada relevante, uma vez que a troca do advérbio de intensidade *o quanto* por *do que*, com função de pronome demonstrativo, estabelece um novo processo de significação, como podemos observar a seguir:

(1) no texto original

“tenho absoluta convicção [...] **o quanto** a mulher faz pela casa”

uso do advérbio de intensidade *o quanto*, que intensifica o verbo *fazer*

(2) trecho sobreasseverado

“tenho convicção **do que** a mulher faz pela casa”

uso da locução *do que* com valor de pronome demonstrativo

De acordo com a gramática de Cunha e Cintra (1999) o quanto, em termos semânticos, é um advérbio de intensidade que, portanto, intensifica, isto é, reforça a ideia expressa pelo verbo ao qual está ligado. Ainda de acordo com os autores, a locução *do que* funciona, geralmente, com valor comparativo⁴. Porém, verificamos que no uso feito pelo presidente, esta locução tem valor demonstrativo.

4. Exemplo: Ele faz afirmações menos corretas *do que* eu (comparativo de inferioridade).

No texto original Temer enfatiza, conforme o uso gramatical do advérbio *o quanto*, o verbo fazer, reforçando o papel da mulher na sociedade de maneira geral - o problema reside então na forma como ele concretiza esse papel na progressão do texto. Por outro lado, no trecho sobreasseverado, a locução *do que* aponta para o papel desempenhado pela mulher indicando qual o seu papel, de modo mais específico e unificador⁵.

De acordo com Maingueneau (2011: 17), as alterações entre o enunciado original e o enunciado destacado são sintomáticas de que há uma alteração no próprio regime enunciativo. Portanto, a sutil diferença entre os enunciados demonstra que a sobreasseveração sofreu uma avaliação prévia. Ao trocar *o quanto* por *do que* no enunciado destacado, o sobreasseverador concretiza a limitação da visão do presidente acerca do papel da mulher. *Do que* no trecho destacado concretiza o achatamento, na visão do sobreasseverador, que o próprio presidente promoveu em seu texto, acerca do debate em torno das reivindicações femininas.

Com efeito, Maingueneau, (2010: 12) afirma que

essas alterações nos parecem reveladoras de que a sobreasseveração de enunciados destacados têm um status pragmático distinto. Os enunciados destacados decorrem de um regime de enunciação específico, que propusemos chamar de “enunciação aforizante”: entre uma “aforização” e um texto, não há uma diferença de dimensão, mas de ordem.

O autor continua dissertando sobre as diferenças no regime de subjetivação numa enunciação textualizante e numa enunciação aforizante, destacada de um texto, no caso do enunciado por nós analisado. De acordo com Maingueneau, “poderíamos dizer que na textualização não nos relacionamos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal” (Maingueneau, 2010: 13).

Por outro lado, na enunciação aforizante, “não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’ (Perelman)”, fato que é verificado na proliferação do enunciado tenho convicção do que a mulher faz pela casa, nos mais variados veículos

5. Exemplo de substituição pelo pronome demonstrativo daquilo, sem perda de sentido “Tenho convicção *daquilo* que a mulher faz pela casa”.

midiáticos, comprovando o caráter universalizante da enunciação. A seguir elencamos alguns exemplos extraídos da mídia digital:

Figura 1 - Folha de S. Paulo⁶

6. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1864708-tenho-conviccao-do-que-a-mulher-faz-pela-casa-diz-temer-no-dia-da-mulher.shtml>. Acesso: 10 março 2019.



Figura 2 - O tempo⁷

7. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/tenho-convic%C3%A7%C3%A3o-do-que-a-mulher-faz-pela-casa-diz-temer-1.1445110>. Acesso: 10 março 2019.



COSTA, JULIA LOURENÇO & BARONAS, ROBERTO LEISER; A construção midiática da gaffe: uma abordagem discursiva
 Media construction of gaffe: a discursive approach
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 8 ANO 2019, PP. 42-64



Figura 3 - Jornal do Comércio⁸
 8. Disponível em: http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/03/politica/550672-tenho-conviccao-do-que-a-mulher-faz-pela-casa--diz-michel-temer.html. Acesso: 10 março 2019.



Figura 4 - Folha PE⁹
 9. Disponível em: <https://folhape.com.br/politica/politica/politica/2017/03/08/NWS,20300,7,547,POLITICA,-2193-TENHO-CONVICCAO-QUE-MULHER-FAZ-PELA-CASA-DI-Z-TEMER-DIA-MULHER.aspx>. Acesso: 10 março 2019.



Figura 5 - Umuarama Ilustrado¹⁰
 10. Disponível em: <http://www.ilustrado.com.br/jornal/ExibeNoticia.aspx?NotID=78097&Not=%27Tenho%20convic%C3%A7%C3%A3o%20do%20que%20a%20mulher%20faz%20pela%20casa%27,%20diz%20Michel%20Temer>. Acesso: 10 março 2019.

Figura 6 - Bahia 24 horas¹¹

11. Disponível em: <http://www.bahia25horas.com.br/2018/noticias/pol%EF%BF%BDtica,2912,039-tenho-convic-o-do-que-a-mulher-faz-pela-casa-039-diz-temer-no-dia-da-mulher.html>. Acesso: 10 março 2019.



Figura 7 - Jornal Daqui 2017¹²

12. Disponível em: <https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/michel-temer-comete-gafe-inacredit%C3%A1vel-tenho-convic%C3%A7%C3%A3o-do-que-a-mulher-faz-pela-casa-1.1237543>. Acesso: 10 março 2019.



É possível verificar a partir dos recortes apresentados, portanto, que este enunciado circulou na imprensa de norte a sul do país se constituindo enquanto “repetição constitutiva” (Maingueneau, 2010: 14), característica do enunciado aforizado, se constituindo numa verdadeira pandemia discursiva. Segundo Maingueneau, o “aforizador” assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado” (*ibidem*), fato que subjaz à sua própria circulação: tal enunciado se propagou na mídia de modo irrestrito devido se constituir enquanto aforização e estar autorizada por uma “Fonte transcendente”.

3. O ENUNCIADO SOBRESASSEVERADO ENQUANTO GAFFE

Compreendemos que “a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (Benveniste, 2006: 87) e pressupõe, portanto, a interação com o outro que é regulada também de acordo com os pontos de vista partilhados. Quando algo foge à linearidade na troca intersubjetiva, este elemento pode ser caracterizado como um desvio na comunicação.

Esse desvio pode ser intencional (como no discurso do humor, no discurso publicitário, poético etc.) ou não intencional (como no mal-entendido e na gafe, por exemplo). De acordo com o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, a gafe pode ser definida como “1. Dito ou comportamento irrefletido (deslize, inconveniência); 2. Engano, indiscrição, [...] por lapso ou negligência”.

Do ponto de vista linguístico-discursivo a gafe pode ser pensada de acordo com a teoria das faces, que postula que a regra de convívio social reside em revelar a face positiva e ocultar a face negativa. De acordo com Brown e Levinson (1987: 62) a “face positiva é uma imagem própria consistente ou ‘personalidade’ (crucialmente incluindo o desejo que se possui de que a sua face seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes”.

Ainda de acordo com os autores, a face negativa “é a reivindicação básica de território, preservação pessoal, um certo descuido, isto é, para liberdade de ação e a liberdade da não-imposição.” (*ibidem*). A gafe decorre da irrupção da face negativa, geralmente não esperada na interação e caracterizada segundo seu caráter disfórico.

De acordo com Le Bart (2003), como vimos anteriormente, os discursos são determinados positiva ou negativamente pelas crenças que ele mobiliza de acordo com o consenso: determinado positivamente quando esse consenso é reafirmando e negativamente quando as fronteiras entre o impensável e o indizível são mobilizadas.

Com base na nossa análise é possível dizer que Maingueneau (2014: 17) corrobora tal compreensão, afirmando que “por mais que os políticos queiram, muitas ‘pequenas frases’ que a mídia faz circular são fragmentos de textos que seu ator teria preferido que ficassem na sombra”, salientando que o fato de a mídia se empenhar em destacar enunciados problemáticos em relação à doxa¹³.

13. A doxa pode ser compreendida como “[...] a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A doxa corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (Maingueneau; Charaudeau, 2008: 176)

14. Tradução nossa do original em francês: *on appelle gaffe un énoncé qui, parce qu’il violente les croyances fondatrices du champ, suscite une réprobation collective de tous les acteurs du champ, voire l’autocritique contrite du locuteur* (Le Bart, 2003).

15. Tradução nossa do trecho original em francês: (Le Bart, 2003).

Do ponto de vista discursivo a gafe está relacionada ao surgimento, no fio do discurso, de algo que perturba a ordem inicial e estabelece uma nova leitura. No caso do enunciado por nós analisado, a gafe está no fato de um presidente da República, no século XXI, fazer um pronunciamento em que a mulher é tema principal e esse tema ser figurativizado com questões relacionadas à afazeres domésticos.

Le Bart (2003) define a gafe como “um enunciado que, por violar as crenças fundadoras de um campo, suscita reprovação coletiva de todos os atores do campo, até mesmo a autocritica arrependida do falante”¹⁴ sendo regida, portanto pelo consenso que integra os participantes da comunicação.

Ainda de acordo com o referido autor, o estudo das gafes do campo político pode revelar maneiras de se entrever as crenças da *illusio* política, uma vez que sem o surgimento de gafes, elas ficam invisíveis, por serem fortemente interiorizadas e incorporadas pela comunidade de que participam. O autor afirma que a *illusio* política é “interiorizada sob a forma de um modo de ser”¹⁵ (Le Bart, 2003).

A própria imprensa caracterizou, à época, o pronunciamento do presidente como gafe, afirmando que ele cometera realmente um desvio discursivo ao não se colocar no plano da igualdade de gêneros. Alguns veículos midiáticos ao reportarem a fala do presidente no Dia Internacional da Mulher em 2018, fizeram ainda referência ao comportamento inadequado do ano anterior, isto é, a uma memória discursiva, que situa Temer como gafista, como podemos observar a seguir:

COSTA, JULIA LOURENÇO & BARONAS, ROBERTO LEISER; A construção midiática da gaffe: uma abordagem discursiva
Media construction of gaffe: a discursive approach
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 8 ANO 2019, PP. 42-64



Figura 8 - Folha PE 2018¹⁶

16. Disponível em: <https://folhape.com.br/politica/politica/politica/2018/03/08/NWS,61312,7,547,POLITICA,-2193-UM-ANO-APOS-GAFE-TEMER-FAZ-DISCURSO-RAPIDO-DIA-MULHER.aspx>. Acesso: 10 março 2019.



Figura 9 - Folha de S. Paulo 2018¹⁷

17. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/um-ano-apos-gafe-temer-faz-discurso-rapido-no-dia-da-mulher.shtml>. Acesso: 10 março 2019



Figura 10 - Metro 1 2017¹⁸

18. Disponível em: <http://metro1.com.br/noticias/politica/50979,apos-gafe-temer-faz-discurso-rapido-no-dia-das-mulheres.html>. Acesso: 10 março 2019

A quebra no discurso ocorre, como vimos, no momento em que irrompe o enunciado aforizado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa*, que concretiza negativamente o tema e rompe, de acordo com a Le Bart (2003), o consenso partilhado entre os coenunciadores. O inesperado surge enquanto gafe, no pronunciamento de Temer, de acordo com duas esferas: política e social.

Da esfera política, a declaração de que Michel Temer não só tem conhecimento, mas *convicção do quanto a mulher faz pela casa* gerou tanta polêmica e foi denominada enquanto gafe, porque foi feita exatamente no momento em que sua equipe econômica apresentava aos parlamentares, e à própria sociedade, a proposta de que homens e mulheres deveriam seguir as mesmas regras para a aposentadoria.

De acordo com o regulamento da aposentadoria do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), de maneira sucinta, atualmente no Brasil a aposentadoria pode ser apresentada de acordo com a idade: 95 anos para homens e 85 anos para mulheres mais 15 anos de contribuição; 30 anos de contribuição ou 60 anos de idade e 15 de contribuição, para as mulheres; 35 anos de contribuição ou 65 anos de idade e 15 de contribuição, para homens¹⁹. Tais dados confirmam as diferenças aplicadas na prática de acordo com o gênero.

Para alguns especialistas envolvidos nas discussões em torno da Reforma da Previdência, ao fazer tal declaração, o presidente assinalou a dupla jornada que a mulher encara cotidianamente trabalhando em horário comercial num emprego formal e cuidando, majoritariamente, da casa e dos filhos.

Tal fato, segundo o jornal *Folha de S. Paulo* online de 08/03/2017²⁰, teria “dificultado os argumentos a favor da unificação das regras no Congresso Nacional”, manifestando algum descompasso entre os argumentos do presidente e de sua equipe econômica. A polêmica gerada, do ponto de vista político, está assentada nesse desalinhamento averiguado na argumentação.

19. Disponível em: <https://www.inss.gov.br/beneficios/aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao/>. Acesso: 10 março 2019.

20. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1864825-meirelles-diz-que-temer-constatou-um-fato-em-gafe-sobre-sobre-mulheres.shtml>. Acesso: 10 março 2019.

Da esfera social, o pronunciamento de Michel Temer gerou polêmica e foi encarado enquanto gafe, principalmente porque ele achata a atuação feminina na sociedade às funções ligadas às questões domésticas (cuidar da educação dos filhos, fazer compras no mercado, gerenciar o orçamento doméstico) desconsiderando o protagonismo feminino nas mais variadas funções e atividades de relevância no Brasil e no mundo.

Todavia, é preciso considerar que qualificar o trecho destacado enquanto gafe promove também sua própria redenção, pois ameniza a responsabilidade pelo que foi dito, o qualificando como “deslize”, “lapso” e retirando a intencionalidade daquilo que foi dito. Le Bart (2003) afirma que “desempenhar o papel de presidente da República, é se inscrever no subgrupo relativamente rígido de prescrições que enquadram precisamente a tomada de palavra”²¹.

A mídia, portanto, em alguma medida, exime o presidente Michel Temer da responsabilidade pelo que foi dito, construindo a cenografia do “engano”, do “deslize” e da *gafe*, enquanto o texto lido por ele, em seu pronunciamento, foi redigido por sua equipe política de acordo com todas as possibilidades de reelaboração disponíveis e conforme a rigidez das regras relacionadas à posição que o próprio enunciador ocupa.

Adotar a postura de se analisar gafes delimita, de acordo com Le Bart (2003) o *corpus* de pesquisa que será mais relevante nos períodos de crise, nos quais o limiar da lógica interna do discurso político é melhor revelado. Ainda segundo o autor,

por não serem problematizados, os enunciados comuns passam despercebidos por estarem perfeitamente alinhados no horizonte de expectativas daqueles para os quais são destinados. No entanto, a dramatização que marca a junção das fronteiras dito/interdito, admissível/inadmissível, permite revelar as crenças que subjazem o discurso político.

É possível, portanto, pensar que, de alguma maneira, a lógica da sobreasseveração, por estar relacionada ao destacamento de enunciados polêmicos e sintetizadores de questões socialmente relevantes, no caso em análise, mantém relação de proximidade com o conceito discursivo de gafe, uma vez que os destacamentos efetuados no campo midiático, de discursos políticos, têm como objetivo intrínseco a seu funcionamento produzir enunciados tanto reiteráveis, quanto polêmicos.

21. Tradução nossa do trecho original em francês: *jouer son rôle de président de la République, c'est s'inscrire dans un sous-ensemble relativement rigide de prescriptions qui encadrent précisément les prises de paroles* (Le Bart, 2003).

As mídias participam, portanto, ativamente na composição e manutenção da polêmica e, segundo Amossy (2017: 201), “transformam o conflito em um acontecimento”, enquanto o jornalista polemiza fazendo repercutir a fala dos atores sociais e políticos de acordo com dois campos opostos. A instauração da polêmica nutre assim a dicotomização, ao mesmo tempo em que reconhece a complexidade das opiniões e das fundamentações ideológicas participantes do regime democrático.

4. APONTAMENTOS FINAIS

Ao analisarmos a circulação do enunciado *tenho convicção do que a mulher faz pela casa* destacado pelos mais diversos suportes midiáticos brasileiros do pronunciamento do presidente Michel Temer por ocasião do Dia Internacional da Mulher em 2017, podemos constatar: a) os suportes midiáticos têm papel preponderante na transformação de um enunciado em gafe, isto é, são eles que metaenunciativamente produzem um comentário acerca do enunciado de outrem, qualificando como gafe, isto é, interferem diretamente no texto do outro sem que essa interferência apareça em termos de marcas linguísticas, o que implica dizer que a gafe não existe em si, mas é o produto de um destacamento e, no mesmo processo com a transformação de um enunciado em gafe, as mídias orquestram uma polêmica²² no espaço público; b) ao produzirem essa metaenunciação em relação ao discurso do outro, polemizando-o, por mais paradoxal que possa parecer, buscam eximir esse outro, por meio da construção da cenografia do engano, do deslize, de maneira a atenuar a responsabilidade por aquilo que foi dito.

Ao construir tal cenografia, a mídia deixa em suspenso o posicionamento do outro em relação ao tema polemizado. A designação de um enunciado como gafe, apesar de à primeira vista construir a imagem disfórica do seu locutor, dissimula sobre o fato de haver identificação deste locutor com o discurso da gafe, deixando essa compreensão, por parte do coenunciador, indeterminada. Ademais, a ambiguidade em relação a não identificação plena do locutor com

22. Uma polêmica é o conjunto das intervenções antagônicas sobre uma dada questão em dado momento. (...) A polêmica se constrói através de todas as interações públicas ou semipúblicas que tratam de uma questão social, e se manifesta na circulação dos discursos. (Amossy, 2017: 72). Como modalidade discursiva, a polêmica é antes de tudo, uma arte da refutação. (Amossy, 2017: 98).

COSTA, JULIA LOURENÇO & BARONAS, ROBERTO LEISER; A construção midiática da gafe: uma abordagem discursiva
Media construction of gaffe: a discursive approach
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 8 ANO 2019, PP. 42-64

os discursos que sustentam a gafe, do ponto de vista do capital político, é politicamente mais produtiva para o locutor em questão, pois além de colocar o sujeito enunciador da gafe em ampla circulação midiática, joga com a possibilidade de abarcar distintos posicionamentos sociais, como por exemplo, acerca do papel da mulher na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- Amossy, R. (2017). *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto.
- Benveniste, É. (2006). *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores.
- Bourdieu, P. (1994). *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Le Seuil.
- _____. (2014). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brown, P. & Levinson, S. (1987). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goffman, E. (1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes.
- Hirata, H. et al. (orgs.) (2009). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Koch, I. (2000). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- _____. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- Le Bart, C. (2003). L'Analyse du discours politique: de la théorie des champs à la sociologie de la grandeur. *Mots. Les langages du politique*, 72.
- LÉVY, P. (2010). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Maingueneau, D. (2009). *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- _____. (2010). *Doze conceitos em Análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- _____. (2014). *Frases sem texto*. Trad: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. & Charaudeau, P. (2008). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto.
- Orlandi, E. (1998). *Discurso e argumentação: um observatório do político*. Fórum linguístico. Florianópolis, n.1 (73-81).

